**Experiência De Uma Aluna Diagnosticada Com TEA Com A Metodologia Ativa No Curso De Medicina**

Gabriella Dias de Assunção, curso de Medicina nas Faculdades Pequeno Príncipe, email: [zirtaeb\_ej@hotmail.com](mailto:zirtaeb_ej@hotmail.com)

TEA/ metodogias ativas/ relato de experiência.

Fui diagnosticada aos 16 anos com autismo de alto desempenho ou Síndrome de Asperger**¹**. A pessoa com autismo de alto desempenho tem dificuldades sociais e interesses específicos. Normalmente, está ligado ao desempenho muito acima do normal em certas áreas, conjuntamente com pouco ou nenhum desenvolvimento em outras, principalmente envolvendo a esfera social.  
Quando decidi que queria tentar entrar na faculdade de Medicina, a ideia era ajudar outras pessoas que tivessem a mesma condição que a minha. Isso tudo porque o estereótipo em cima do autismo (e de outros transtornos mentais/emocionais) é muito grande e faz parecer que é impossível para nós, pessoas com essas síndromes, entrarmos no ensino superior e termos uma carreira.  
Eu escolhi a metodologia ativa. No caso da minha faculdade, a metodologia PBL**²**. E posso dizer que para um aluno com TEA, a metodologia é excelente e tem mais vantagens que desvantagens. É muito comum em autistas o pensamento visual e o pensamento por linkage (fazer conectivos entre o maior número de fatos possíveis). A possibilidade de estudar sozinha primeiro (o que acaba sendo um alívio sensorial também) e depois discutir o assunto com o tutor e outros alunos fez com que eu me sentisse bem o suficiente para criar o chamado “raciocínio clínico”.  
Para um autista, é impossível entender as coisas em separado. A definição, a epidemiologia e a clínica de uma patologia estão totalmente entrelaçadas e a metodologia ativa te permite perceber e exercitar isso.  
Outra forma que ajuda a sedimentar esse raciocínio é a OSCE**³,** uma forma de avaliação prática e simulada, usada para testar as competências e habilidade do médico como um todo. Normalmente, entramos em um consultório simulado e atendemos um ator que faz papel de paciente. Precisamos dar bom atendimento, ter raciocínio clínico e dar um diagnóstico e tratamento.  
A OSCE te faz criar um pensamento rápido e te coloca perto do que seria atender um paciente com aquela patologia. A única coisa da qual eu posso reclamar é que o tempo é curto e isso dificulta a vida de todos, imagine alguém com autismo de alto-desempenho.  
Quando falo de pensamento por linkage, isso quer dizer que ao lembrar de “maçã”, por exemplo, eu lembro de todas as coisas ligadas e relacionadas com a palavra maçã. Preciso escolher dentro desse verdadeiro “banco de informações” o que é necessário para aquele momento e isso, além de exaustivo, é difícil e toma tempo.   
Além disso, o que eu poderia dizer é que falta um pouco de conhecimento sobre o transtorno por parte de professores, tutores e funcionários da faculdade. Porém, sei que isso é algo que acaba faltando em todo o lugar e pode ser manejado.  
Concluo que para um aluno com TEA, a metodologia ativa é muito mais eficiente do que qualquer outra.

**Referências bibliográficas:  
¹:** KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Revista Brasileira de Psiquiatria, N° 28, Supl. I, São Paulo, 2006.  
**²:** GOMES, R.; BRINO, R.F.; AQUILANTE, A.G. Aprendizagem baseada em problemas na formação médica e o currículo tradicional de Medicina: uma revisão bibliográfica. Revista brasileira de educação médica. Rio de janeiro, Vol.22, N°.3, Jul/Set, 2009.  
**³:** TRIVIÑO, B.; VÁSQUEZ, A.; MENA, A. Aplicación del Examen Clínico Objetivo Estructurado (OSCE) en la evaluación del internado de pediatría en dos escuelas de medicina. Revista Médica de Chile. Santiago, V. 130, N° 7, Julho, 2002.